



*UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB – CURSO DE PINTURA*

Rodolfo Pereira Darsie
DRE: 111038067

Janelas ao Corpo Extenso
Magia e pintura

Rio de Janeiro
2020

Ficha Catalográfica

CIP – Catalogação na Publicação

DD225j Darsie, Rodolfo Pereira
 Janelas ao corpo extenso: magia e pintura /
Rodolfo Pereira Darsie. -- Rio de Janeiro, 2020.
 62 f.

 Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2020.

 1. magia. 2. pintura expandida. 3. medicina. 4.
deusa. 5. ancestrais. I. Sekiguchi, Julio
Ferreira, orient. II. Título.

Rodolfo Pereira Darsie
DRE: 111038067

Janelas ao Corpo Extenso
Magia e pintura

Monografia apresentada
como pré-requisito
para conclusão do Curso de Pintura
da Escola de Belas Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi
Orientador

Rio de Janeiro
2020

Rodolfo Pereira Darsie
DRE: 111038067

Janelas ao Corpo Extenso
Magia e pintura

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:

Prof. Julio Ferreira Sekiguchi. Doutor. EBA/UFRJ
Orientador

Prof^ª. Maria de Lourdes Barreto Santos Filha. Mestre. EBA/UFRJ

Prof^ª. Artista, Luana Manhães da Silva. Mestre EBA/UFRJ

À memória de minha mãe Rosina Pereira
Darsie e meu pai Gilfredo Comparsi Darsie.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo amor e apoio de sempre. Sou eternamente grato à minha tão amada irmã Mariana Pereira Darsie, com a qual compartilho tudo que sou. Mari é minha melhor amiga, a pessoa que conhece toda minha história, quem está comigo para o bom e pro ruim. Conviver com ela para mim é das maiores alegrias possíveis e meu maior desejo é sempre poder crescer para continuarmos tendo esta amizade e irmandade tão especial.

À minha mãe Maria José de Paula Henriques e minha irmã Renata Fabiana de Paula Henriques, que me cuidaram e ensinaram a ser gente. Sou muito abençoado por encontrar nelas uma família além do sangue. O quanto nos transformamos juntos através das décadas só fortaleceu nossos afetos. Eu agradeço a paciência enorme comigo e meus inúmeros defeitos e a confiança em mim.

Aos meus pais Rosina Pereira Darsie e Gilfredo Comparsi Darsie pela vida e o viver. Que todas as divindades os cuidem com amor. O tempo que tivemos juntos em vida são memórias que guardo como tesouros preciosos. Minha mãe Rosa, nos nossos cinco anos juntos, fez de tudo para eu poder ser uma criança feliz. Meu pai Gil, nos nossos dezoito anos juntos, fez de tudo para eu poder fazer minhas próprias escolhas com responsabilidade e seguir meu coração. Hoje, mesmo após suas passagens, sinto o orgulho e amor que eles sentiam por mim mesmo antes do meu nascimento, e o sentimento é mútuo.

À família de minha mãe, tão grande e diversa mas tão amorosa e acolhedora aos seus parentes e suas comunidades. À família de meu pai, por se esforçarem em ser presentes nos momentos que mais importaram. Às minhas tias e tios, por serem a primeira geração nas famílias a buscarem conhecimento na trajetória acadêmica e incentivarem seus descendentes.

Ao meu orientador Julio Ferreira Sekiguchi, que tão abertamente ensina aos estudantes tantas possibilidades de arte e de pesquisa. Sou grato pela paciência e atenção comigo enquanto aluno e orientando, por me acolher mesmo após meus sumiços, por se esforçar em elucidar para mim tantas ideias que me eram misteriosas. Agradeço as conversas sobre arte e sobre a diversidade e diálogo entre as crenças e religiões através do planeta.

Agradeço as membras da banca de defesa, professoras:

Maria de Lourdes Barreto Santos Filha, uma das minhas primeiras professoras no bacharelado e que imediatamente se tornou tão querida. Sua criatividade, inteligência, sensibilidade e dedicação são inspirações a todos que fomos juntos seus alunos. Agradeço suas aulas sempre cheias de alegria e descobertas, suas demonstrações práticas impressionantes e suas críticas e avaliações perfeitamente colocadas. Estar junto de Lourdes folheando livros de pinturas e conversando sobre as histórias por traz delas é uma benção.

Luana Manhães da Silva, quem me acompanhou no feitio deste trabalho do começo ao fim. Seu incentivo a mim foi fundamental para eu mais plenamente me dedicar ao

crescimento do meu trabalho artístico. Me emociona lembrar a atenção com o qual ela me ensinou o que é um papel de qualidade para pintar, uma escrita organizada e o aprofundamento nas questões poéticas e práticas que eu buscava. Através de suas aulas e ensinamentos comecei a me sentir pertencente e digno da pesquisa acadêmica. Me é uma honra enorme poder ter sido seu aluno.

Aos trabalhadores e colegas da UFRJ, sem os quais a academia não existe. Para mim é muito importante poder ter convivido com tantos profissionais dedicados a manter o ensino público de qualidade vivo.

Agradeço a confiança dos grupos que me receberam em seus fazeres, brincadeiras e rituais. Seja nos bamboleios, nos carnavais, nas reivindicações políticas ou nos ritos religiosos, pude junto amadurecer como humano através das nossas interações. Agradeço por me acolherem, pelo convívio e pela liberdade da partida quando necessária. Peço perdão pelas minhas diversas faltas como amigo, aliado das causas sociais, profissional e irmão de fé.

Às minhas amigadas por todas as histórias juntos, todo apoio a mim e minha irmã. Em especial, agradeço aos amigos de faculdade da Mariana, que com tanto carinho me aceitaram como amigo também. À Giulia pelas tantas tardes em nossas casas tomando café e conversando sobre a vida e a magia, o que nos agrada e desagrada. Ao Yan por criar o grupo de estudo conosco, tão sensato em suas abordagens ao aprendizado espiritual. À Vani e o Raul, que me receberam em seus rezos e devoções quando eu mais precisava acreditar e me conectar.

À escritora Starhawk, nascida Miriam Simos, por escrever seus livros e compartilhar sua trajetória com o mundo. Entrar em contato com suas palavras me abriu um universo de encanto com a natureza, a busca por justiça social e a conexão com a terra.

Eu agradeço aos seres cheios de mistérios que atravessam a vida humana. Às entidades que se apresentam nos terreiros de umbanda, aos orixás, aos elementais, aos deuses de diferentes religiões. Sou grato pelo contato e comunhão com as medicinas sagradas da floresta, as plantas e fungos tão caridosos e responsáveis em sua entrega aos ciclos da vida. Agradeço aos animais, entre eles com o maior amor à minha gata Rosa, que é tudo para mim.

Resumo:

Esta série de trabalhos se deu na montagem de quatro Janelas de Conexão, obras baseadas em altares de fé compostas de um busto de papel, de velas, pedras, água, flores, ervas e ferramentas mágicas (copos, panelas, jóias, tecidos, entre outras) e sua seguinte representação em pinturas de aquarela. O trabalho acompanha a força do festival japonês Hina-matsuri, o *Festival de Bonecas* ou *Dia das Meninas*, que acontece no dia 3 de março, buscando formas de representar energias elementares da natureza e de específicos aspectos da humanidade. É em memória da mãe amada Rosina Pereira e um agradecimento à Deusa e a estudantes do sagrado. Palavras-chave: Magia, pintura expandida, medicina, ciclos, deusa, ancestrais.

Sumário

1 – Introdução: Duas salas e o chá 9

2 – Receita de bolo de magia 19

3 – Pintar é saber ancestral 21

4 – No caderno, viagens 24

5 – As Obras 37

6 – Exposição individual 55

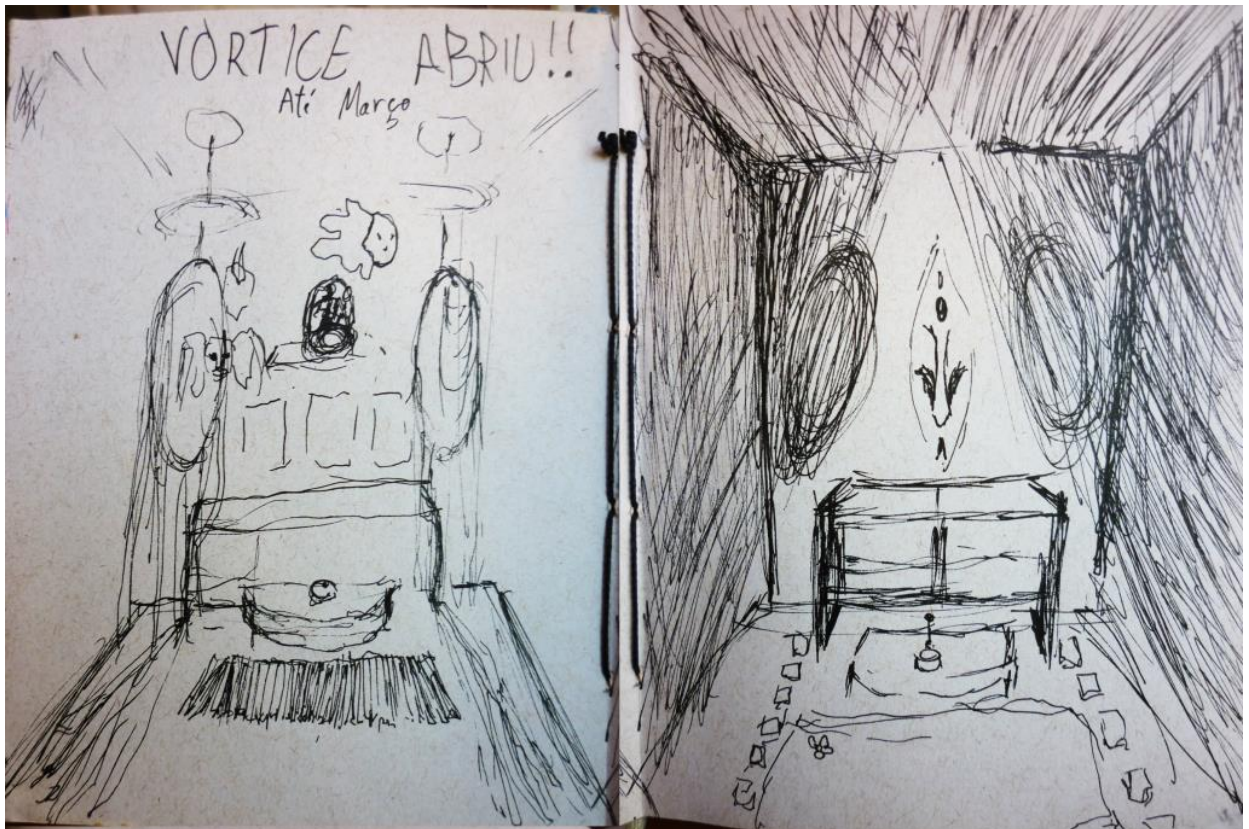
7 – Celebrar 57

8 – Conclusão 59

Bibliografia 61

1 – Introdução: Duas salas e o chá

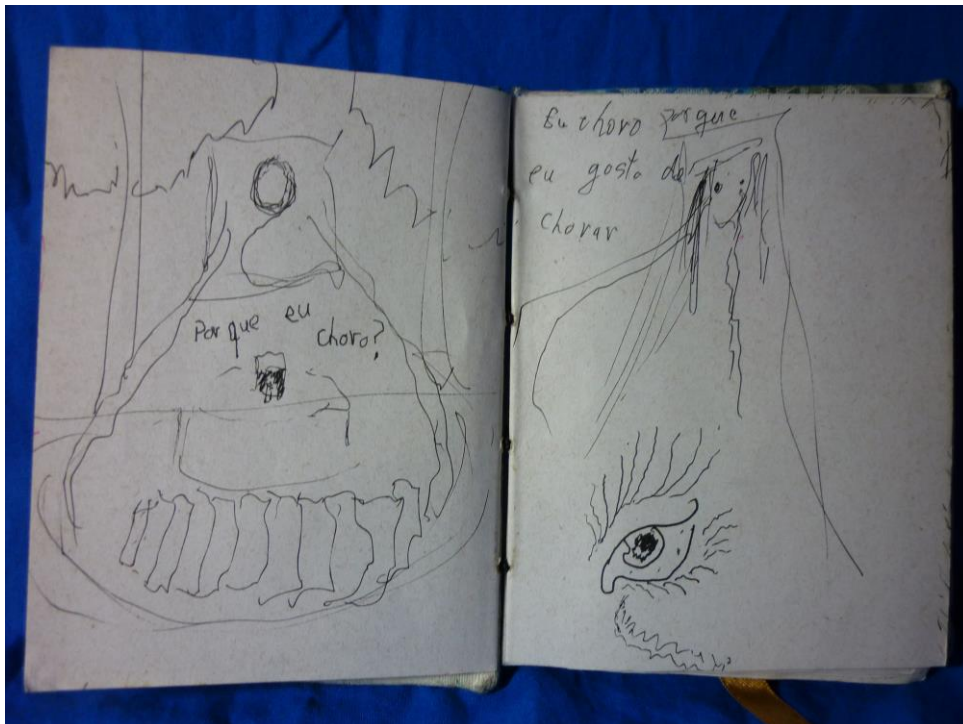
Este trabalho começou a ser planejado quando me interessei por desenvolver uma forma de ambientar uma sala de exposição em galerias de arte. Minhas primeiras intenções eram juntar pedaços de diversas linguagens artísticas que eu exercia e deste espaço ser receptivo aos corpos, convidativo. Meus primeiros desenhos foram de pinturas, esculturas, adereços, bonecas, bambolês e máscaras co-habitando uma mesma sala. Intenções de juntar com coerência as expressões artísticas que na época estava aprendendo.



Após estes desenhos ainda sentia muitas dúvidas em relação ao porquê dessa vontade de ocupar estes espaços. Decidi ir ao ritual com a medicina indígena ayahuasca realizado no Centro de Expansão da Consciência Brahmata Diva em Itatiaia, Rio de Janeiro, para meditar e refletir sobre as questões que esta ocupação traria. Este ritual era aberto aos participantes desenharem durante e pude consagrar e focar junto aos efeitos da medicina e da ritualística em quais questões me levavam a planejar este espaço. Foi um dia chuvoso, o rito realizado dentro da sala na casa do Centro. A quem lê este meu texto e não conhece a medicina da ayahuasca,

indico o website do projeto Ayahuasca Portal¹ realizado por Bruno Veiga Valentim, que junto de sua mãe coordenou a sessão que participei neste dia. Esta bebida, com sua base feita das folhas da chacrona e do cipó jagube, vêm de tradições indígenas americanas ancestrais e é amplamente estudada na atualidade por seus efeitos medicinais, terapêuticos e enteógenos.

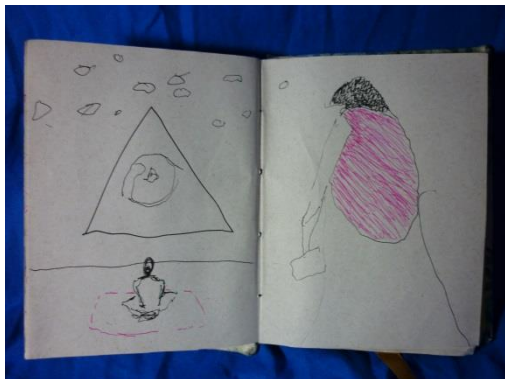
A primeira frase que escrevi foi “Por que eu choro?” e a primeira resposta foi “Eu choro porque eu gosto de chorar”. Cercado de cantos, hinos, mantras e rezos realizados pelos participantes naquele dia, pus em papel as questões e reflexões que vivi naquele momento. Me vi buscando um olhar que chora, o olho de minha mãe, o mesmo olho que o meu. A mãe uterina falecida em 2000, a mãe espiritual, a mãe natureza. Aprender sobre para poder exercer, treinar e entregar. Resistir e entregar com amor uma vida inteira. A relação entre Oxum, Obá e Xangô. Estas reflexões me vieram junto da voz da sagrada medicina, em estado de profunda emoção e gratidão pela oportunidade de perceber estes aspectos dentro de mim.



Do ritual saí com um padrão de desenhos de um espaço para contemplar bustos adereçados, na composição de um triângulo da seta para cima. Resolvi que iria montar estes bustos e espaço em esculturas e destas faria pinturas de observação em aquarela. Estas aquarelas, apesar de serem naturezas mortas, seriam pontes pro reencontro com o momento vivo das montagens, pinturas e desmontagens das esculturas. Estas montagens foram acompanhadas de

¹ Ayahuasca - O espírito da Floresta. Portal de Informações sobre a sagrada medicina amazônica. Disponível em: < <https://ayahuasportal.com.br/site/> > Acesso em: 15/09/2020

rituais mágicos individuais abertos. Individuais no sentido da condução da arte mágica, na abertura de um espaço sagrado além do tempo ensinada por Starhawk em seu livro “*A Dança Cósmica das Feiticeiras*” e com influências da corrente de espiritualidade universalista. Abertos pois foram no atelier Candido Portinari na UFRJ, em um dos pedestais centrais para estudo de modelo.



Estes rituais foram realizados nos meses logo antes, durante e após o Hina-Matsuri, festival japonês quando se montam degraus em pano vermelho com bonecas representando a estrutura social do período Heian. Sua origem está relacionada a bonecas e a rios, a desejos de proteção das meninas da comunidade, a afastar maus espíritos. No Brasil, tradições indígenas ligadas às medicinas sagradas da floresta falam sobre o poder destas medicinas de afastar a força da panema, força que traz a doença, o desânimo, a má sorte, a incapacidade. Durante estes meses fui a ritos ayahuasqueiros e me envolvi com as curas pelo rapé, pela sananga e pelo kambô. Junto de espíritos dos elementos da natureza e das medicinas ancestrais realizei neste período meu trabalho ritualístico. Através desta monografia escrevo referências à Deusa e eu uso esta palavra de forma poética, um termo abrangente para a ideia de uma divindade que é tudo, toda expansão, que em si mesma é e guarda todas as identidades. É uma forma de henoteísmo popular entre o movimento do neopaganismo feminista.

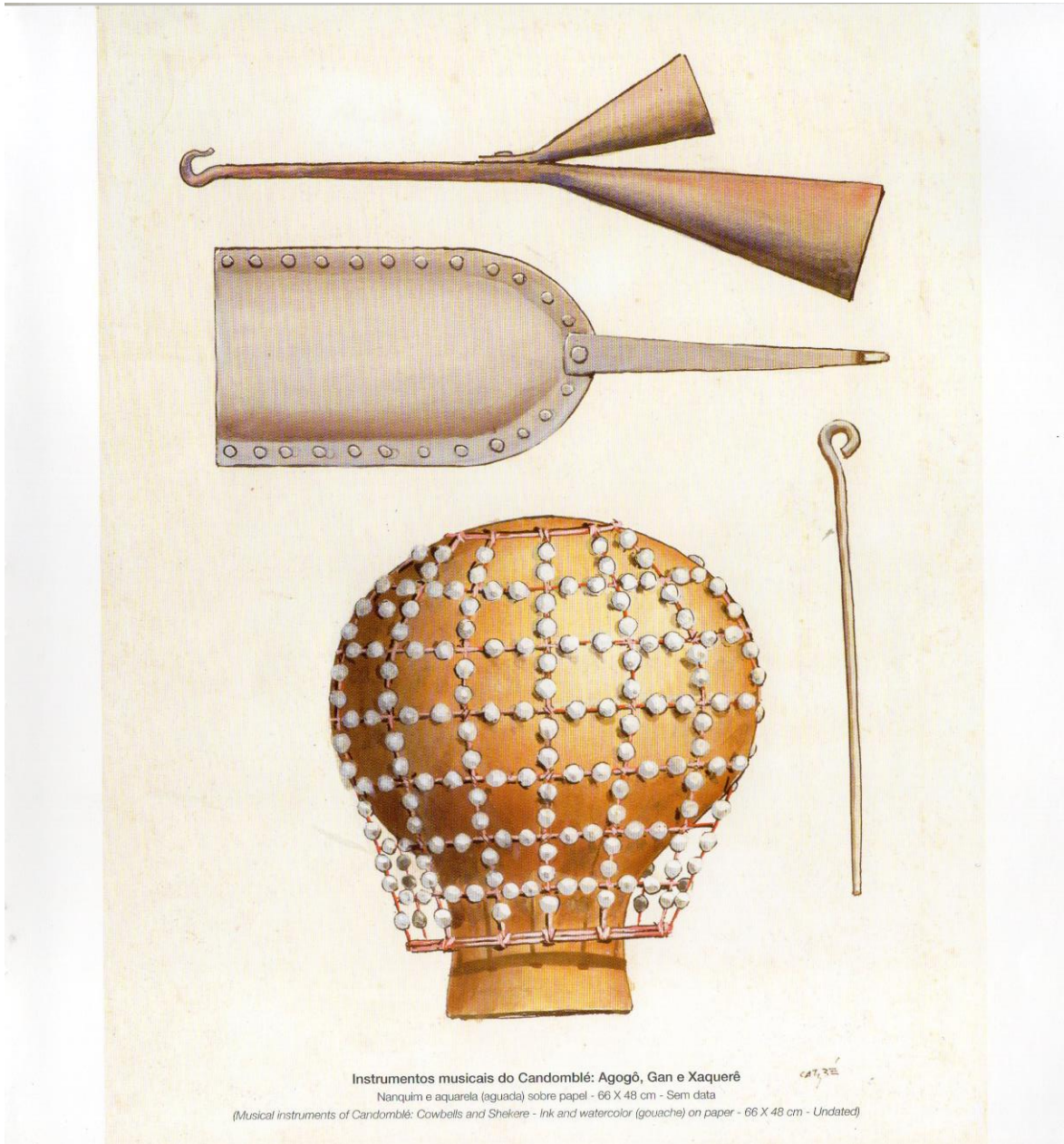
Das referências de artes plásticas que me guiaram nestes trabalhos cito as aquarelas feitas por Carybé retratando sua vida com os terreiros de candomblé bahianos, as cartas do Tarô de Thoth pintadas por Lady Frieda Harris junto de Aleister Crowley e a série Butch Heroes pintada por Ria Brodell. Vejo em todas estas uma mesma qualidade de pequenas individualidades que pertencem juntas. É pra mim a mesma qualidade dos altares de devoção onde se juntam pinturas, esculturas, objetos, ferramentas, cada qual trazendo suas características e formando um todo. Há uma ideia de unidade totalista porém cada fragmento é importante em sua simbologia sensorial e histórica, cada um desperta sensações diferentes que se complementam na junção. A forma do busto adereçado remeteu a imagem da Deusa.



Ossain - Opô Afonjá

Nanquim e aquarela (aguada) sobre papel - 66 X 48 cm - Sem data
 (Ossain - Opô Afonjá - Ink and watercolor (gouache) on paper - 66 X 48 cm - Undated)

CARYBÉ, Hector (1911-1997). Ossain – Opô Afonjá. Nanquim e aquarela/papel, 66 x 48 cm.
 Sem data.



CARYBÉ, Hector (1911-1997). Instrumentos musicais do Candomblé: Agogô, Gan e Xaquê. Nanquim e aquarela/papel, 66 x 48 cm. Sem data.



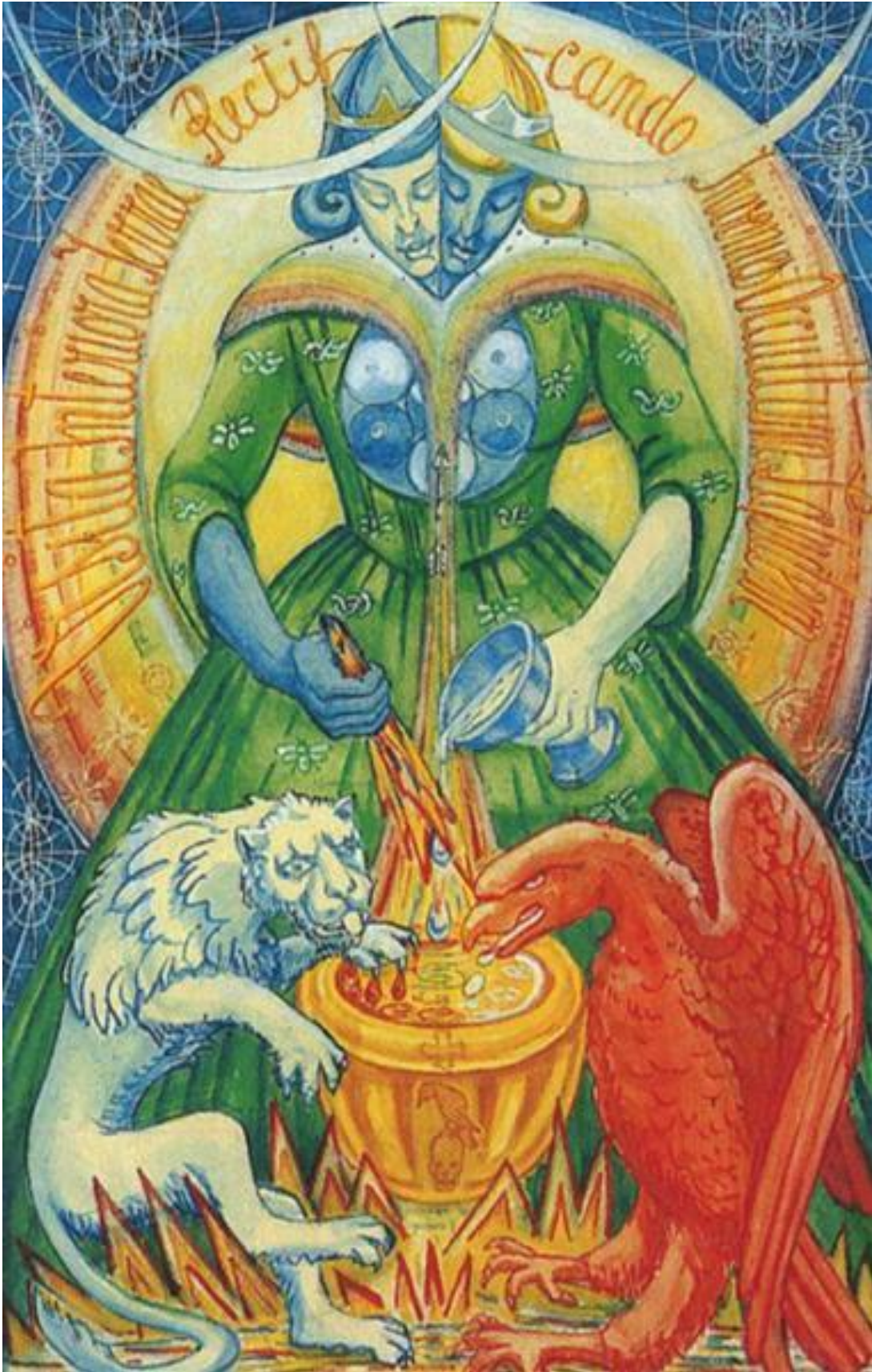
BRODELL, Ria. Biawacheeitché or Woman Chief aka Barcheampe or Pine Leaf c. 1800-1854 Apsáalooke Nation. Gouache/papel, 28 x 18 cm. 2011.



BRODELL, Ria. Self-Portrait as a Nun or a Monk, circa 1250. Gouache/papel, 38 x 28 cm. 2010.



HARRIS, Lady Frieda (1877-1962). First degree tracing board. Aquarela/papel, 50 x 35 cm. 1938.



HARRIS, Lady Frieda (1877-1962). Atu XIV- Art, 1941. Aquarela/papel.

A magia e bruxaria são historicamente culturas de transmissão pela oralidade. Muito do que fui ensinado foi em conversas presenciais com outras pessoas e a forma como recebi é diferente do que me foi dito. Outra parte vem de livros lidos e repassados. Entre estes livros o que considero meu maior guia é “A Dança Cósmica das Feiticeiras”, escrito por Starhawk, publicado em 1979 e revisado posteriormente com suas novas anotações. Foi o primeiro livro de magia que recebi de presente e através dos anos volto a ele como referência da base para realizar rituais de magia. Além da escrita que estrutura as ações mágicas e o valor da adaptação à realidade dos indivíduos (em relação ao uso do idioma nativo, acesso a materiais, autoexpressão através das ritualísticas, entre outros), seu caráter de ferramenta política em prol do movimento feminista que a autora viveu e a revisão dos escritos no livro com teor abrangente à comunidade LGBTQ+ sempre me passam a sensação de ser um porto-seguro em forma de livro de bruxaria. Admiro Starhawk por também ter se tornado engajada no movimento da permacultura, propagando a importância do aprendizado e cuidado com a natureza para preservação e regeneração da vida na terra. Em seu outro livro “A Quintessência Sagrada” ela desenvolve uma narrativa fantástica onde uma comunidade ecológica, matrifocal e espiritualista se desenvolve e prospera frente a questões políticas e climáticas muito similares a que vivemos.

Minha interpretação artística é pessoal e única, vêm da minha individualidade e têm maior compromisso com o respeito à mim. De nenhuma forma minha arte é palavra de verdade cósmica, quando realizei pinturas e enquanto escrevo estas palavras não posso dizer que minhas visões representam os coletivos que me acolheram em seus estudos e tradições. Me denomino bruxo solitário e artista multimídia. Visito grupos diversos de espiritualidade e religiosidade e aprendo junto mas não tomo as doutrinas destes grupos como verdades, absorvo e adapto os ensinamentos às minhas particularidades. Neste universo onde a transformação é constante e a diversidade é fundamental para a existência da vida vejo as dores dos milênios de marginalização, preconceito e perseguição ao que foi sendo considerado profano, sodomita, pecaminoso e inferior. As adversidades são inúmeras. Tendo dito isto, em minha trajetória encontrei queridos aliados de muitas identidades e visões diferentes que me trataram com o máximo respeito e juntos sonhamos com como queremos que nossas comunidades sigam em comunhão. Busco manter uma visão universalista, aberto ao aprendizado através da vida com diferentes ideias e situações que se apresentem a mim.

Chamo hoje esta série de “Janelas ao Corpo Extenso”. Já nomeiei de outras formas; foram Pontos de Irradiação, Pontos do Corpo Extenso, Portais de Emissão. Agora vejo cada fragmento e união como uma Janela de Conexão ao Corpo Extenso. Corpo extenso vêm de um trabalho anterior meu onde buscava ampliar minha percepção de corpo para além da biologia individual e acolher os objetos, o espaço e toda expansão como corpo potencial. Brotou em mim da interação com brinquedos de contato (bambolê, perna-de-pau, poi, etc.) e

da consciência corporal adquirida com estas brincadeiras. Similar à Deusa, chamo por diversos nomes, cada um extendendo seu significado e ensinamento.

2 – Receita de bolo de magia

Há mágoas que nenhum ritual pode curar. A primeira vez que tomei o chá das almas fui confrontado com esta sensação. Encarar como minha vida foi transformada pelo falecimento de meus progenitores não me curou as feridas da perda mas amenizou as dores e me fortaleceu. Talvez estas Janelas que fiz tenham uma intenção similar, mesmo que na época que as realizei não estivesse pensando assim. Eu queria na época saudar a Deusa, a natureza, o planeta terra, a energia feminina primordial e realizar o meu estudo da arte.

Para mim, a estrutura mágica é como uma “receita de bolo” que podemos alterar os ingredientes a nossa necessidade e gosto, seguindo certas lógicas essenciais. Quis trazer no toque das ferramentas, no cheiro das plantas e no som do fogo, os reflexos das questões pictóricas do trabalho. A ritualística se propôs a sensibilizar a mente e permitir ações e sensações virem à tona, tanto no transeunte quanto em mim a modelar o espaço. Acredito que todo gesto artístico carrega o estado de espírito do ser que o realiza, por mais precisa ou espontânea seja a técnica exercida. Pude através dos elementos(fogo, ar, terra, água, etc) e componentes(ferramentas construídas pela humanidade, tecidos, copos, velas, tinta, etc) que conhecia incentivar meu estado de espírito e meu intento para realizar estas obras.

Muitas nuances do fazer já se ocultaram em minha memória mas tentarei aqui descrever de maneira prática o processo de realizar esta magia. Utilizei na época a base da metodologia do Dragon Dreaming, na qual os projetos têm quatro fases: sonho, planejamento, realização e celebração. Após o ritual em Itatiaia e com minhas intenções artísticas orientadas/sonhadas, o primeiro passo foi pensar e desenhar a visualidade das esculturas que faria, parte do planejamento. O componente recorrente nestes planos é um busto colorido com tinta marrom. Este busto fiz a partir de uma escultura já feita e guardada no atelier de escultura da UFRJ. Utilizei da técnica de papietagem para duplicar a frente deste busto até pouco abaixo do pescoço e com tinta acrílica o pintei com marrom e preto, o chamando de Kali, em referência a deusa Hindu. Junto de Kali viriam outros materiais que fui listando: tecidos, velas, cangas, ervas, penas, búzios, cristais, colares, um pequeno móvel de madeira, entre outros. A maior parte pude reutilizar de outras artes que realizava, conectando as esculturas às minhas brincadeiras de carnaval e festejos anuais. Alguns materiais peguei emprestado no atelier de

pintura, outros precisei adquirir especificamente para a escultura tipo fita dupla face para manter componentes suspensos na parede e os tecidos na forma que desejava e as ervas e água que depois devolvi à terra.

Com o planejamento finalizado e os componentes coletados para a primeira das esculturas, os levei todos ao atelier. Era o dia de realizar o primeiro dos rituais e a primeira das pinturas Janelas. Kali que esculpi possui uma “alça” no topo com a qual, junto de uma corda e um gancho, suspendi em um dos pedestais de modelo vivo que o atelier possui, o qual eu havia previamente medido e varrido. Durante este processo de montagem cantei e dancei alegre toda música sagrada pra mim que lembrei na hora. Aderecei Kali com os tecidos e jóias, suspendi as penas em torno de seu rosto, preparei o altar com os quatro elementais (vela para o fogo, pedras e ervas para a terra, um copo com água, ar que respiro), um instrumento musical em cima do móvel de madeira coberto por tecido e em frente ao altar coloquei um tecido para quem quisesse se sentar, deitar, estar junto. Meditei neste lugar, convoquei através de oração a Deusa, as quatro Torres Elementais e suas virtudes e desenhei no astral um círculo de proteção onde nenhum mal pode entrar e nenhum mal pode sair.

O ritual estava iniciado. Em frente ao pedestal preparei uma mesa, uma cadeira, o papel e as tintas. Desenhei e pintei com calma e animação, contemplando, sonolento e desperto, atento e divagando, cantando e em silêncio. O limite desta pintura de observação foi até pouco após o por do sol, hora de fechar o atelier. Quando finalizei este pintar, transbordei as bênçãos a todo o planeta terra em forma de cone de poder, agradei à Deusa, aos elementais, aos componentes, à toda ajuda presente. Dissipando as energias presentes abri o círculo da magia, encerrando o ritual. Desmontei a escultura, limpei o espaço, guardei e devolvi a seus devidos lugares os componentes. Retornei ao meu lar. Ao mesmo tempo que este processo foi realizado em um espaço magístico além do tempo e espaço, foi realizado aterrado na Escola de Belas Artes da UFRJ junto aos companheiros de estudo.

Assim materializei em pintura a primeira Janela de Conexão ao Corpo Extenso. A segunda seguiu um processo muito semelhante, mudando componentes mas com a mesma estrutura magística. Para a terceira tive dúvidas como prosseguir, novamente fui a um rito com ayahuasca e recebi novas orientações. Me foi um chamado a me divertir mais com o processo, brincar mais com a arte. Adicionei à pintura figuras que não estavam presentes na montagem da escultura, pintei parte em casa após o ritual. Na quarta Janela a imagem não surgiu a partir de um ritual com ayahuasca e sim da energia que vibrei junto ao grupo percussivo Tambores de Olokun, a escultura feita com as saias que usei nos ensaios e desfiles.

Eu posso dizer que foi assim que a magia foi realizada, porém a minha memória falha. Houve muito planejamento, muito instinto e muito improvisado envolvido, dentro das minhas

capacidades na época. Além das orientações quais agradeço acima, me foi fundamental e importantíssimo ser ensinado e guiado pela professora Luana Manhães, quem me abriu a visão para utilizar materiais específicos e de boa qualidade para a aquarela e me envolver cada vez mais no processo artístico da pintura. A maneira que conto a realização do ritual é uma mistura dos ensinamentos de Starhawk e das diversas vivências em rituais religiosos que frequentei.

O ritual é um lugar além do tempo-espaço, todo conhecimento prévio e posterior é presente neste lugar, vidas passadas, futuras e paralelas se juntam para realiza-lo. É um lugar coletivo, muitas identidades e arquétipos se reúnem nele, é um lugar de celebração e comunhão. Sempre me é precioso quando sinto esta sensação de conexão, uma presença que se estende além dos segundos e minutos. A Deusa e seu ciclo de vida-morte-vida.

Após realizar estas quatro pinturas Janelas, fui mais uma vez a um ritual com o chá. Novamente, pedi à força orientações para minha arte, mas desta vez a bebida me falou uma mensagem tipo “Agora é com você. Não vou entregar suas artes prontas. Se esforce, treine, exercite. Se aprofunde nas sombras dos pigmentos, erre por conta própria, descubra por si. Já te ensinei o que precisava por enquanto”. Apenas anos depois, após eu ter trancado e retornado a faculdade, esta voz sagrada voltou a me orientar em questões artísticas, agora relacionadas a este texto escrito, mas numa orientação muito similar, se esforce, agradeça, use a sua voz, conte a sua história.

3 – Pintar é saber ancestral

A definição de pintura que utilizo, aprendida em aula, é “Pintura é pigmento sobre suporte”. Conversando com o texto “A escultura no campo ampliado” escrito por Rosalind Krauss, é claro que esta definição não é uma regra absoluta. Apesar de ser um trabalho de pintura as Janelas de Conexão têm aspectos de escultura, instalação, site-specific, performance, música, dança, teatro, arte digital, artes ocultas místicas, entre outros. Vários dos objetos usados nas esculturas tiveram presença e participação em cortejos de carnaval, trazem da arte de rua para a escultura de atelier e viraram pinturas, e estes objetos possuindo suas próprias pinturas e tingimentos. O pigmento e o suporte neste trabalho se estendem através de presenças além de seus momentos matéricos nas esculturas e pinturas, têm origens no planeta terra e em energias multidimensionais.

A conexão de magia e pintura é muitas vezes dita tendo origem nas pinturas em cavernas. É suposto que imagens destas pinturas feitas com terra representariam xamãs ancestrais abençoando os ritos coletivos, a caça, a dança, a sexualidade. Fato é que a arte da pintura possui uma carga histórica enorme de representações do sagrado aos artistas. A pintura é um meio de preservar esta ideia de sagrado por sua capacidade de resistir à passagem do tempo, os efeitos dos elementos, com a devida atenção necessária as suas particularidades.

Escolhi fazer as pinturas em aquarela sobre papel por ser um meio que considero poeticamente muito próximo dos elementais. A água transporta os pigmentos da terra e a seiva aglutinante e as deposita sobre as fibras do papel. Também há a poesia do efêmero envolvida. Se lavarmos o papel os pigmentos se movem e a pintura se transforma/refaz. Se a pintura receber muita luz direta as cores mudam, perdem brilho, clareiam ou escurecem. O papel pode virar alimento à insetos e fungos, é de fácil decomposição. A aquarela historicamente carrega estas questões de impermanência, as imagens feitas séculos atrás agora são diferentes das que os artistas criadores viram ao pintar. É uma arte sensível ao mundo, a matéria se desfaz mergulhada nos oceanos ou na lava de um vulcão, ela necessita de cuidado para durar.

Dos meus estudos prévios para as esculturas e das pinturas posteriores aos rituais há uma grande diferença estilística, os primeiros sendo de imaginação, e os segundos sendo naturezas-mortas, a pintura de observação de objetos matéricos. Chamo de naturezas-mortas por ser a definição clássica deste tipo de arte porém existiu uma qualidade extremamente viva, animada e dual/múltipla neste processo. Uma das formas de consagrar um objeto é mudar o tratamento para com ele, em vez de ser um “isto” é um “ele, ela”. Cada ritual e cada pintura para mim ganhou nova essência, nasceu, se refez com alma própria, tornaram-se guardiãs espirituais.

Embora centrada nas pinturas dos quatro rituais este trabalho também têm outro aspecto, o de estudo individual dos componentes compositores destes rituais. Pinta-los separados, pinturas de observação, teve o objetivo de estudar as características singulares de cada um e como estas também refletiam o todo. Não foram todos que pinte assim, pela própria natureza expansiva do trabalho me seria impossível incluir tudo que vejo como participante desta arte. Os que escolhi pintar foram representados em pinturas de observação, também por uma “impressão” dos objetos sobre o papel, o delinear dos seus contornos quando apoiados em cima. Alguns dos tecidos eu coleí no próprio papel já que eles próprios possuíam suas pigmentações e pinturas próprias.

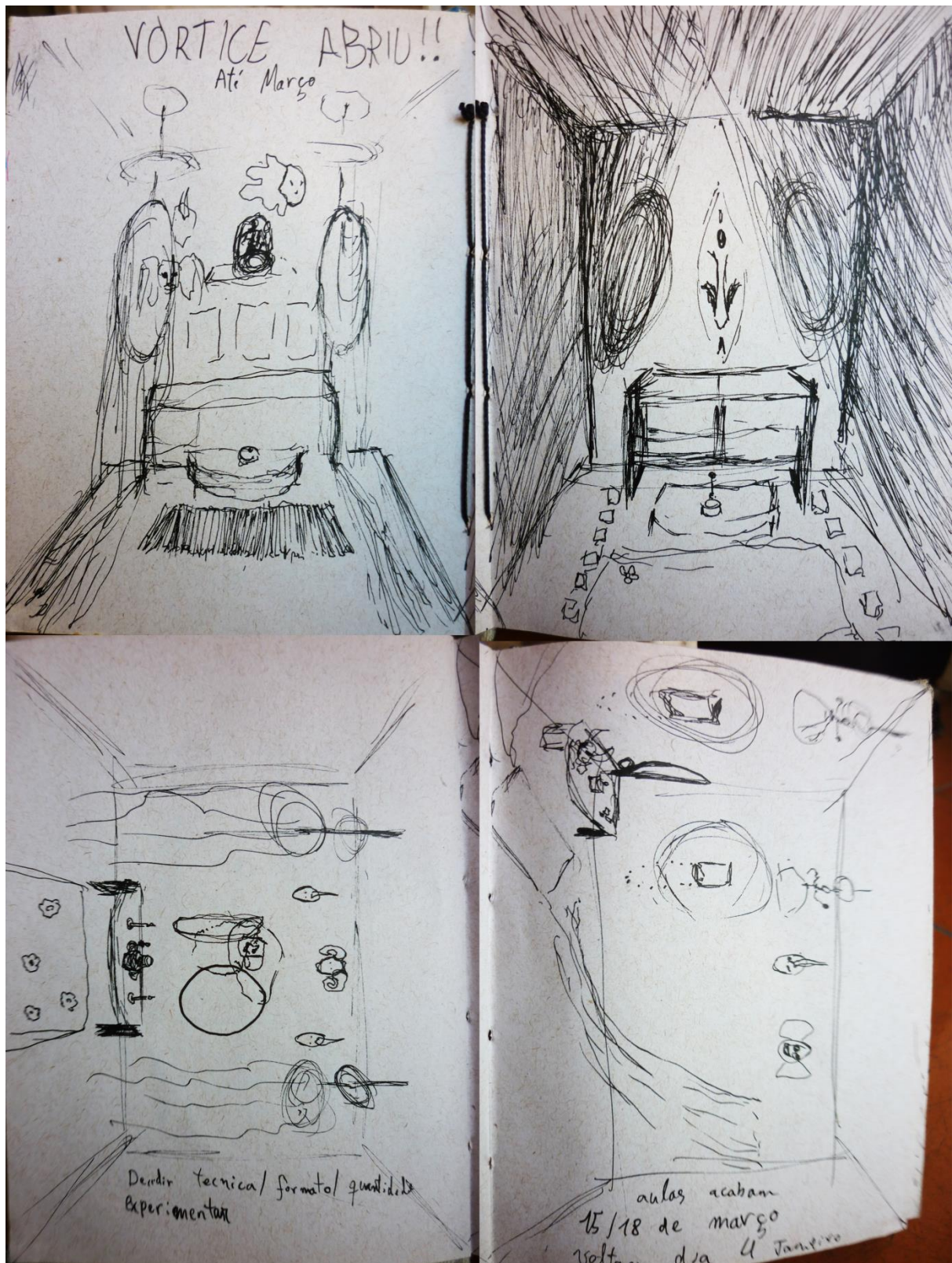
Após a execução das quatro pinturas dos rituais eu senti que a técnica de pintura que utilizei não era uma maestria minha, era como se a capacidade de realizar estas pinturas apenas tinha

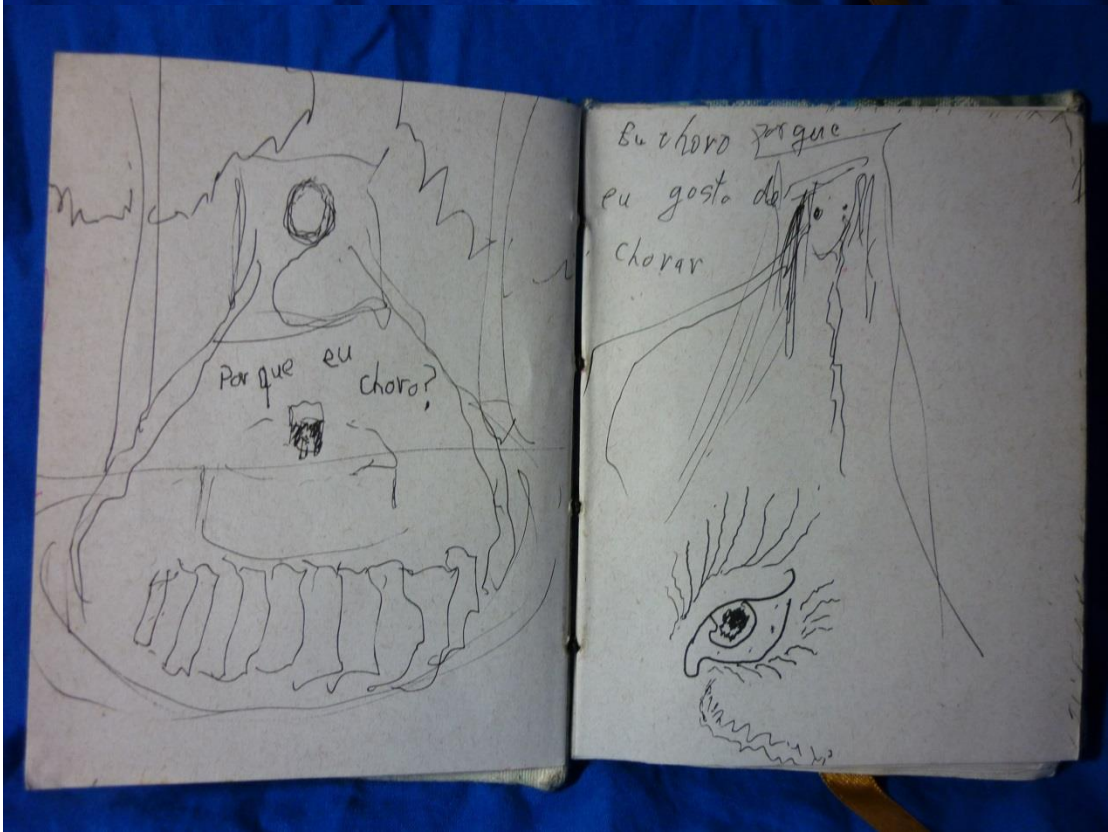
passado por mim, não fazia parte da minha caixa de ferramentas. Um sentimento de dúvida mesmo, será que eu realmente tinha essa habilidade? Ou foi a força do ritual, dos componentes e elementos me sensibilizando que me permitiram pintar e após este momento eu não seria mais capaz, eu esqueceria? Para sanar estas dúvidas decidi fazer pequenos estudos das próprias pinturas, uma recriação delas em menor escala e sem toda a ritualística, e junto disto uma espécie de guia cromático e gestual acompanhando abaixo para futuras referências. Consegui, comprovei a mim que a própria lógica das imagens falava comigo como elas poderiam ser feitas, a paleta de pigmentos estava salva e a técnica eu poderia reutilizar e, se necessário, reaprender. Em contraste, o estudo da terceira pintura de ritual não segue essa linha de guia prático, a própria mensagem da pintura era o de se divertir e liberar cargas mentais densas, assim fiz uma pintura mais brincalhona do que um firme estudo técnico.

É valioso descrever com profundidade o processo de pintar, as qualidades poéticas e gestuais em detalhes. Uma das lições mais valiosas de pintura que aprendi é que para fazer uma pintura basta pintar. É só pintar. Técnica, estética, resiliência, tudo é secundário à permissão de poder pintar, se permitir. É muito comum eu encontrar pessoas que dizem que não sabem pintar porém em algum momento da vida delas, passado ou presente, elas terem momentos onde se permitem e ali não é impedimento o saber ou não, elas fazem. Quando eu vejo pinturas me interessa menos o virtuosismo técnico do que poder ver essências da alma da pessoa ao realizar aquela pintura. Acredito que cada gesto artístico transmite parte do estado de espírito de artista que o realizou e isto traz potência para a comunicação e comunhão entre pessoas através da arte.

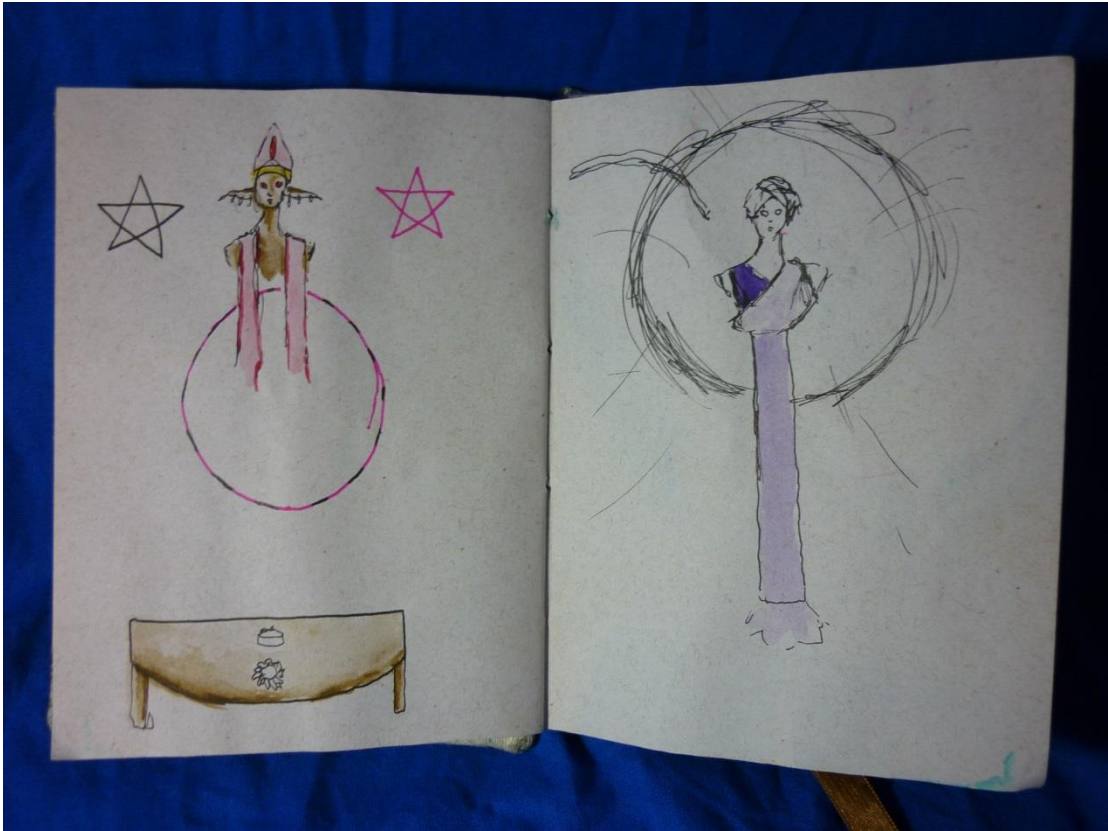
4 – No Caderno, viagens

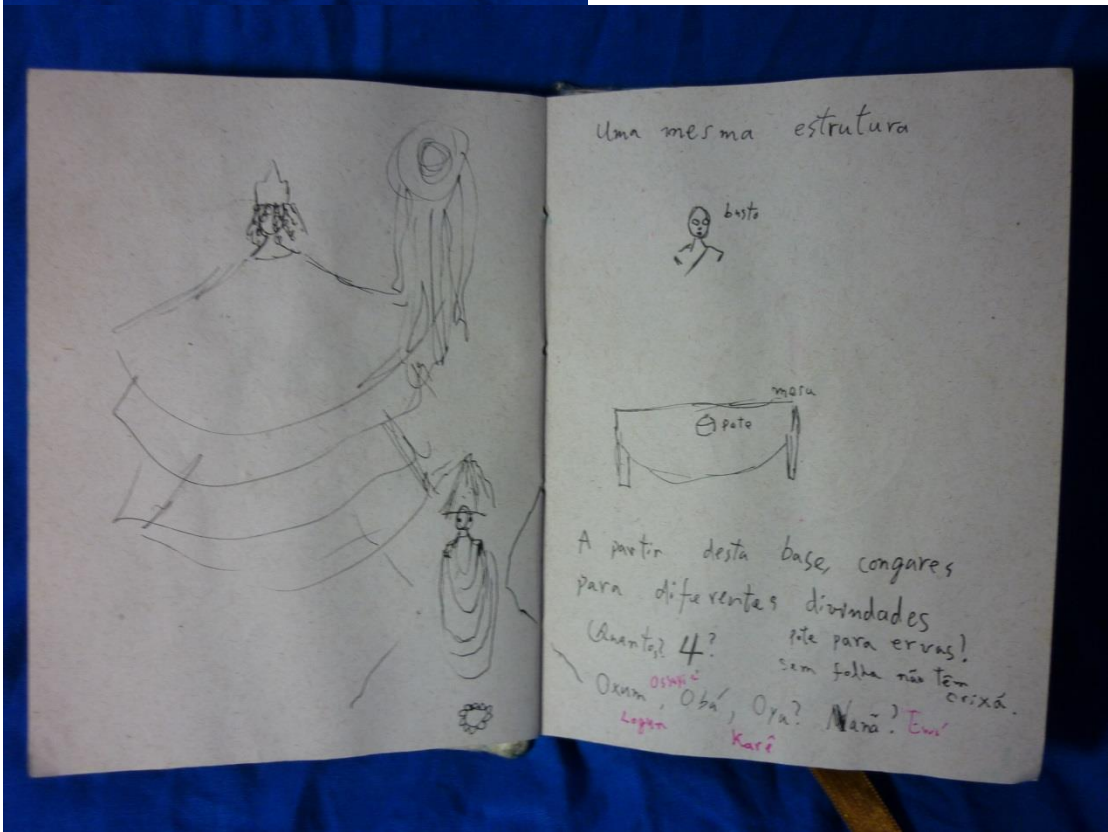
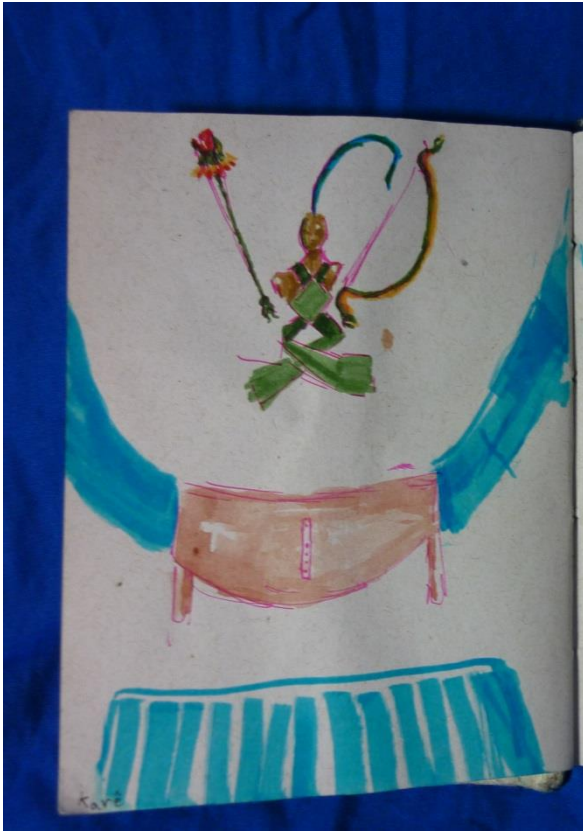
Cada página 10,5cm x 14cm, técnicas entre nanquim e aquarela sobre papel.

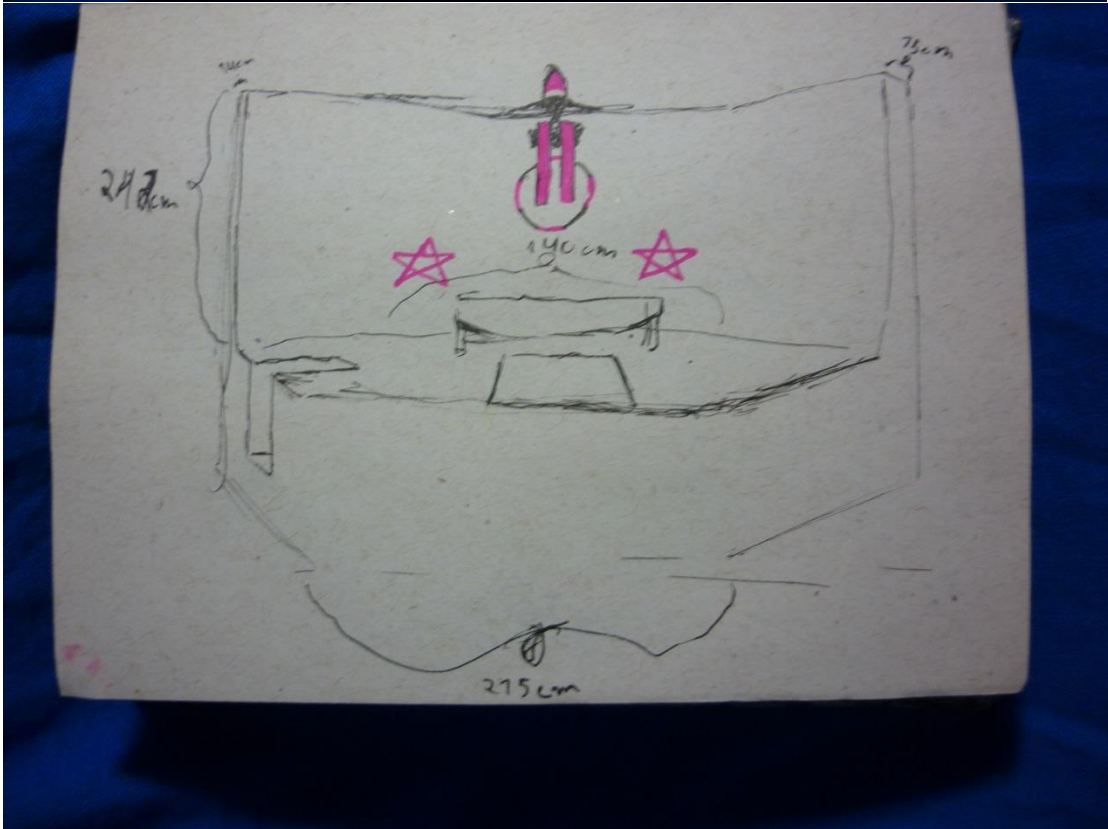
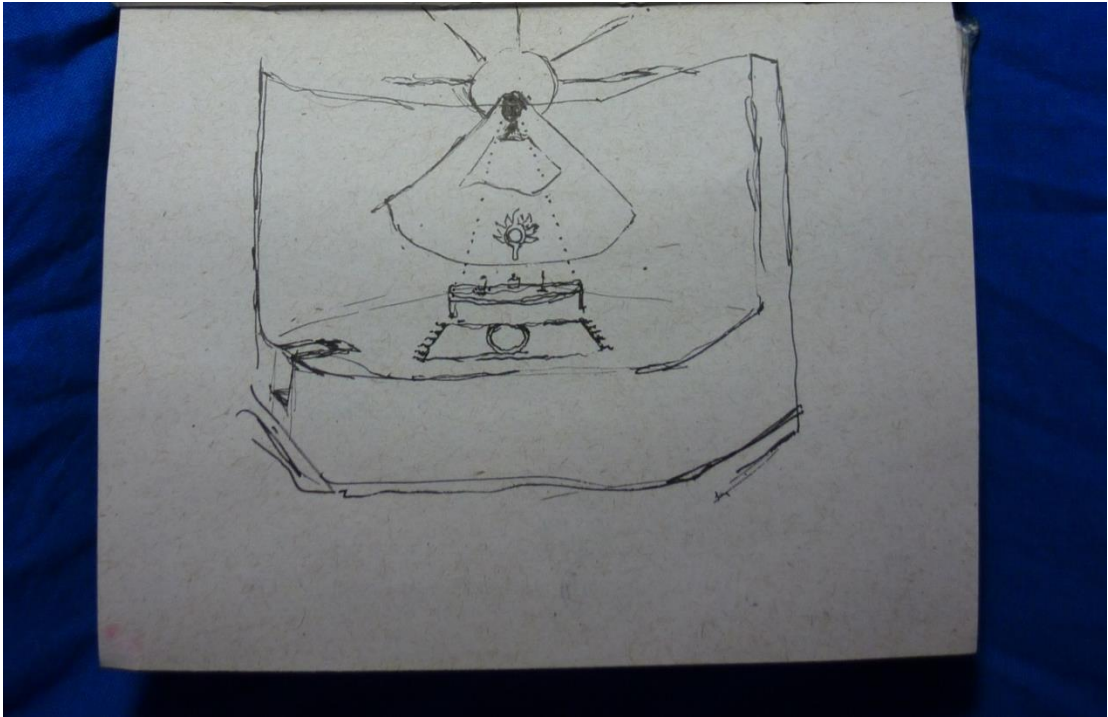


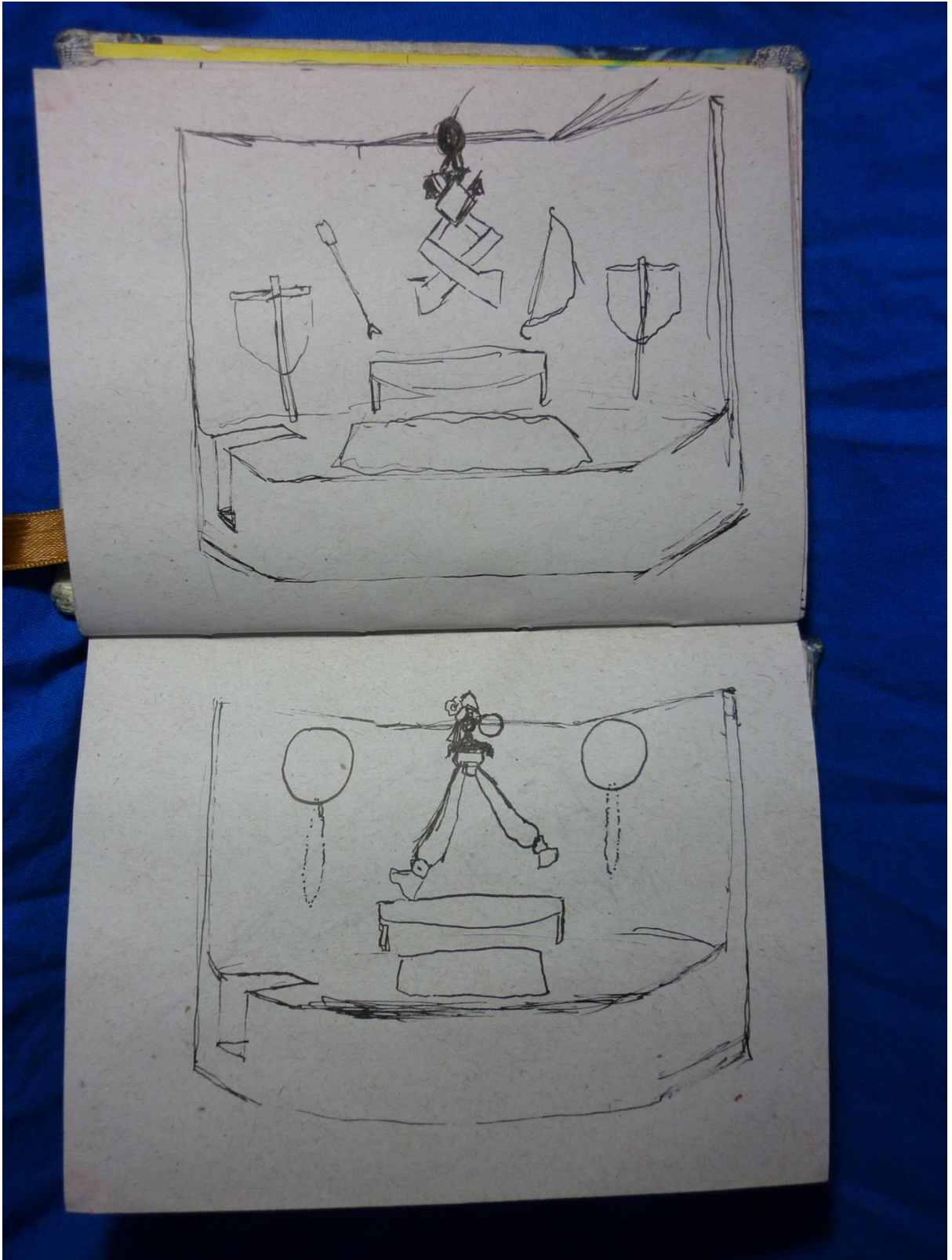


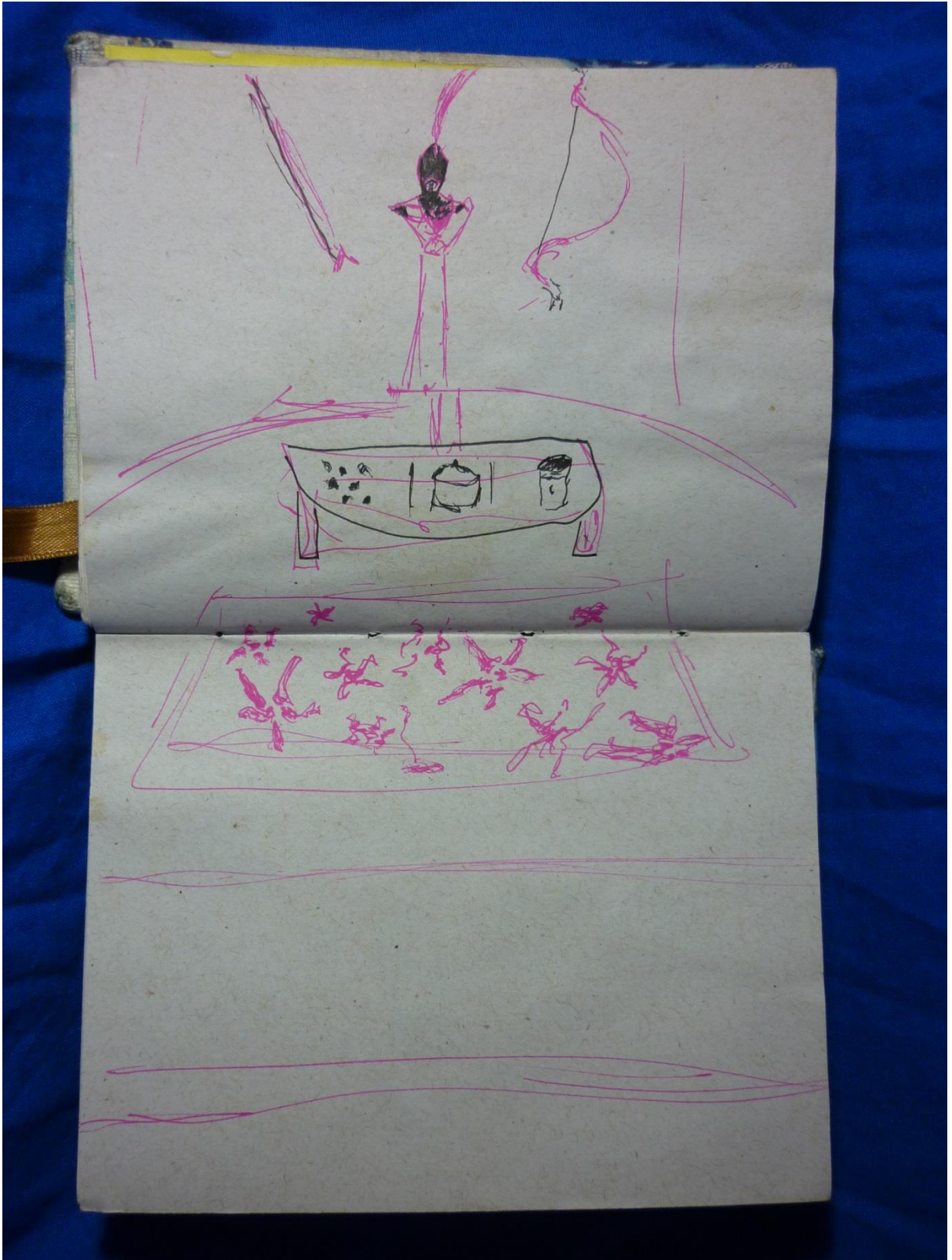


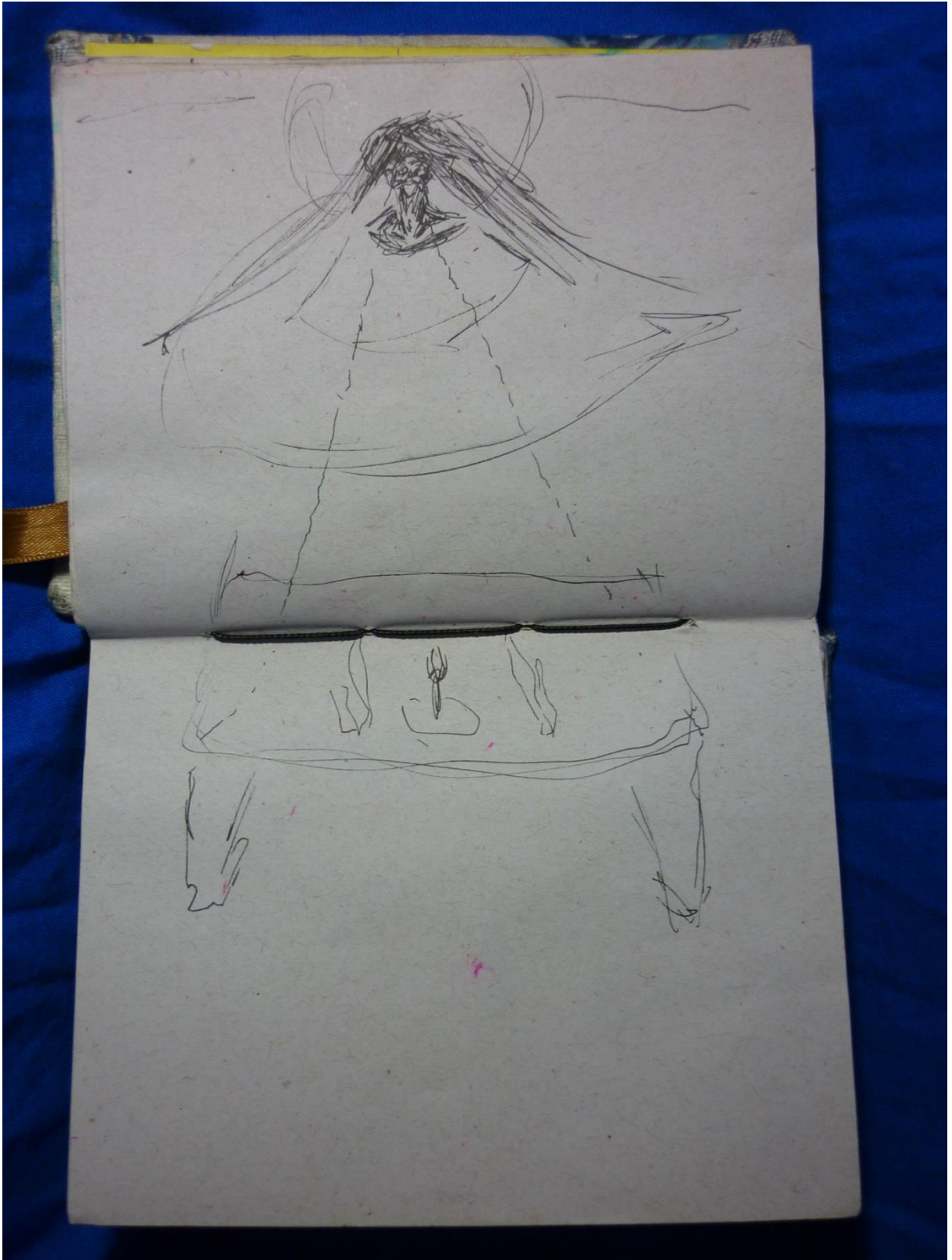


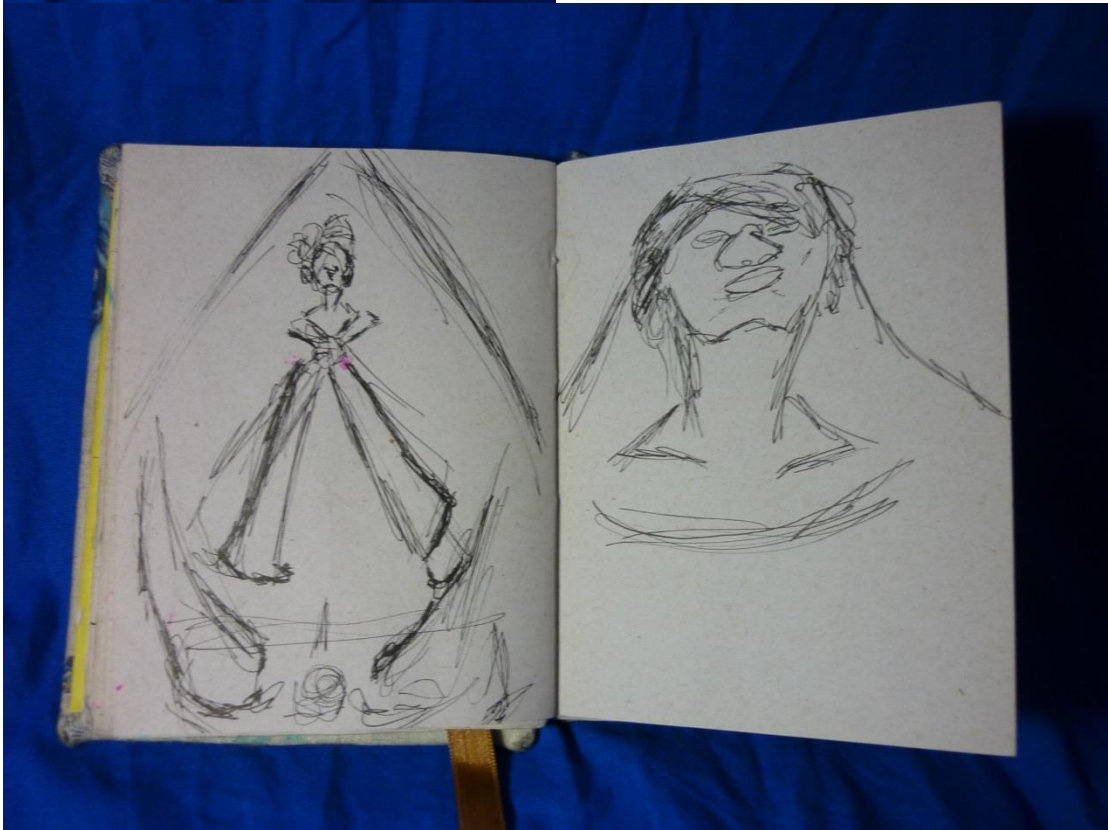
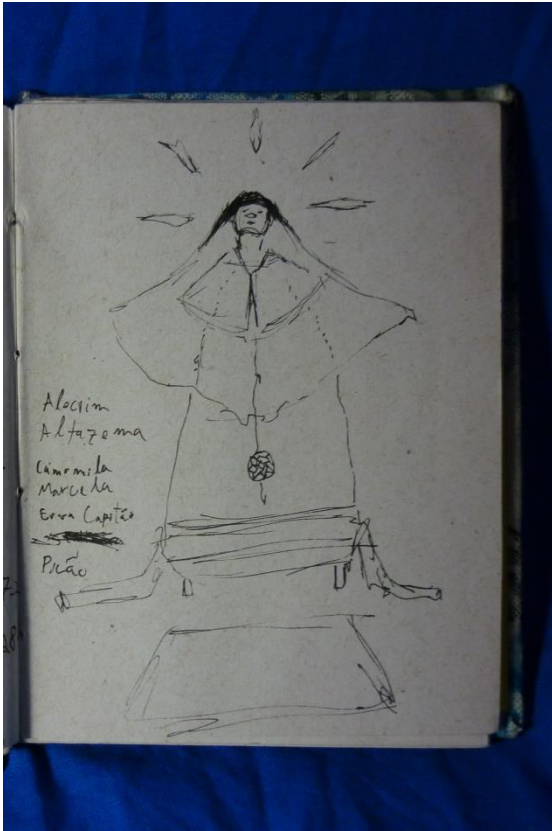




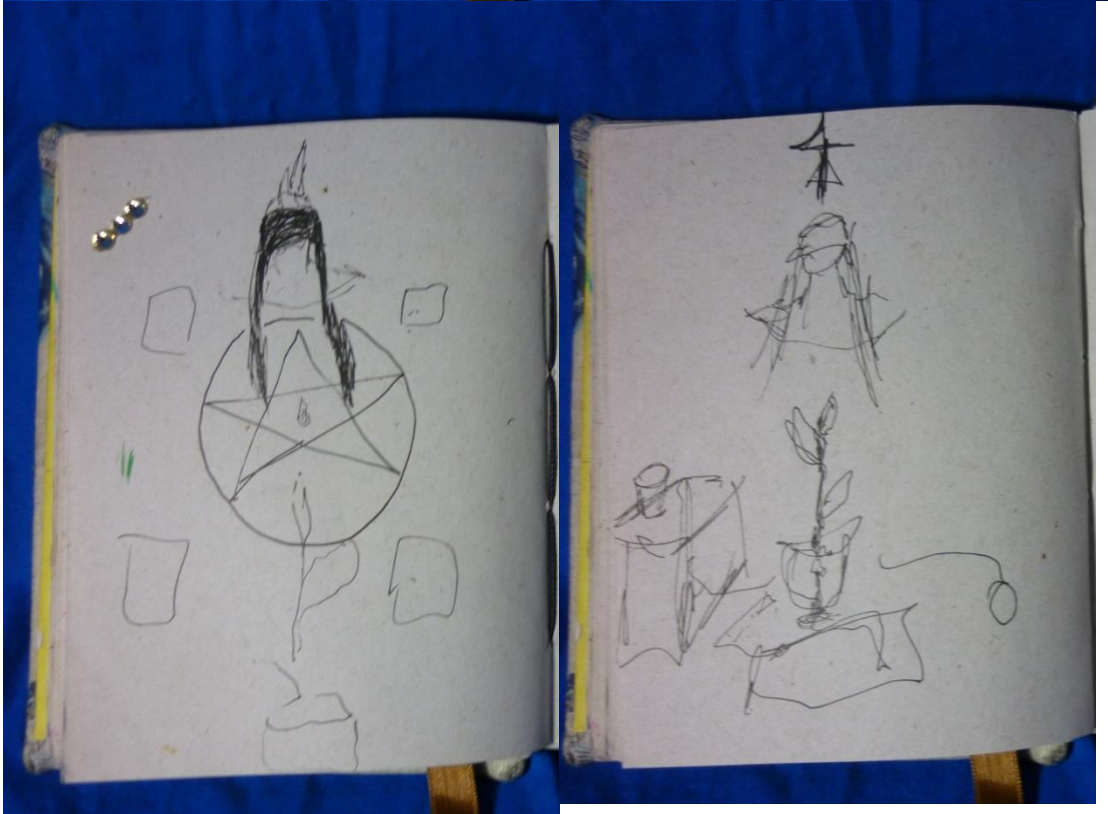














5 – As Obras



Fertilidade, 24x32cm, aquarela sobre papel, assinatura digital(original assinado no verso)



Resistência, 24x32cm, aquarela sobre papel, assinatura digital(original assinado no verso)



Renúncia, 24x32cm, aquarela sobre papel, assinatura digital(original assinado no verso)



Misericórdia, 24x32cm, aquarela sobre papel, assinatura digital(original assinado no verso)



Fertilidadinha, 13,5x20,7cm, aquarela sobre papel



Resistencinha, 13,5x20,7cm, aquarela sobre papel



Renuncinha, 13,5x20,7cm, aquarela sobre papel



Misericordinha, 13,5x20,7cm, aquarela sobre papel



Olokun, 18x12,5cm, aquarela sobre papel



Oya, 16,5x16,5cm, aquarela sobre papel



Cachimbo e colar, 21,5x20,5cm, aquarela sobre papel



Búzios, 11x16cm, aquarela sobre papel



Brinco de bambu cristal, 11x16cm, aquarela e grafite sobre papel



Artefatos, 30x21cm, aquarela sobre papel



Tecido azul e branco, 29,5x15cm, aquarela e colagem sobre papel



Tecido de chita, 29,5x15cm, aquarela e colagem sobre papel



Pano da costa, 29,5x15cm, aquarela e colagem sobre papel



Tecido de chita, 29,5x15cm, aquarela e colagem sobre papel



Balangandãs, 18x12,5cm, aquarela sobre papel



Pré-montagem, 24x31cm, aquarela sobre papel



Tronco familiar, 17x30,5cm, aquarela e nankin sobre papel



Autorretrato, 42x60cm, acuarela sobre papel

6 – Exposição Individual

Para a exposição individual, escolhi apresentar em jardim público. Nos Jardins do Museu de Arte Moderna, embaixo dos coqueiros, estendi um tecido e organizei minhas pinturas em cima. Reafirmando os elos com a arte pública, realizei minha exposição junto das aulas de perna-de-pau de Raquel Poti e as oficinas de bambolê de Camila Rocha. Este espaço já havia me recebido muitas vezes antes para minhas próprias oficinas, para eventos comunitários e artísticos e como local de encontros e despedidas. Marsha Hanzi, precursora da permacultura no Brasil, em “Conversa com Marsha Hanzi no Recife”, disponibilizado em vídeo no youtube, valoriza o poder de um jardim como ferramenta de cura planetária e realça a importância de ancorarmos pontos de paz no planeta.



Exposição Janelas ao Corpo Extenso

Rodolfo Darsie

11:00h até 15:00h
07 e 08 de
dez. de 2019

Jardins do MAM



7 – Celebrar

Este trabalho foi feito para celebrar as faces da Deusa tríplice encantada, divindade primordial onipresente, de dez mil nomes, mãe terra e o ciclo das estações. Também em memória de minha mãe uterina, Rosina Pereira Darsie. Foi minha ação em sensação de alegria e gratidão à vida e ao viver. Espero que através destes escritos eu possa ter passado um pouco como me é precioso este celebrar e o quão importante foi para mim realizá-lo. Ainda assim, com o passar dos anos, também vi a importância de ser mais crítico com a forma qual realizei este processo. Na época que o comecei meu entendimento ecológico era outro e questões que hoje me são importantes contradizem as intenções e gestos que tive durante o feitiço do trabalho.

Na caminhada por grupos ayahuasqueiros que frequentei, em uma conversa pós-rito fui apresentado à ideia de permacultura, a qual descreverei traduzindo a definição dada pela *Permaculture Women's Guild*, a Guilda Permacultural de Mulheres: “Permacultura é um conjunto de ferramentas e técnicas emprestadas por culturas indígenas e aplicadas a campos físicos, sociais e emocionais para criar ambientes humanos vivos, evolutivos e sistemas de recursos renováveis, interconectados que imitam a natureza e regeneram, em vez de aniquilar, a Terra”. Fiquei extremamente entusiasmado ao escutar sobre permacultura e decidi que iria estudar mais sobre. Pouco após este ritual o prédio da reitoria da UFRJ pegou fogo, abrindo a possibilidade aos alunos de trancarem o semestre. Escolhi pausar meu bacharelado em pintura para me dedicar a estudar permacultura e visitar como voluntário projetos permaculturais.

Durante estes estudos continuei escrevendo para este trabalho e vi que minha arte de louvar a Deusa Mãe Terra também estava inserida em ações nocivas ao planeta, em diversas escalas: Descarte indevido dos excedentes, uso de combustíveis fósseis, dependência de grandes empresas cujos impactos na natureza não estão expostos, mineração, e a lista continua. Parte disto foi por minha ignorância e inércia, outra parte pelos sistemas instaurados na cidade. Também houve ações com viés mais sustentável, como reutilização e reciclagem, porém não em escala que compensasse os impactos nocivos. Eu agradeço e celebro a oportunidade de aprendizado para me tornar mais consciente e engajado em práticas de cura e regenerativas, entendo hoje que é um processo mundial que está acontecendo. A arte possui um papel fundamental entre estas práticas e quanto mais alinhada a práticas não-nocivas, melhor para a própria arte.

Se eu fosse recriar hoje este trabalho, seguindo sua estrutura geradora, eu imagino que mudaria algumas coisas. Na parte da escultura há muito que posso reutilizar do anterior, a maior diferença sendo que escolheria fazer em meu altar de casa e com as plantas em vasos que cuido, em lugares que visito, ou só de imaginação as plantas. Para manter o aspecto

social, convidaria os vizinhos e amigos que sei que gostam de magia, convidaria minhas irmãs, ou faria o trabalho em praça pública perto de casa. Se eu fosse convidado, talvez fizesse em lugares com interesse de recebê-lo. A parte da pintura gostaria de utilizar papel reciclado, reutilizado ou de produção artesanal brasileira. Sonho com poder participar do feitio de papel de folha de bananeira. A tinta poderia ser de origem vegetal ou tinta de terra, tive experiências com ambos e há os que rapidamente se desbotam e os que duram mais tempo. Todos estes aspectos combinariam com a proposta inicial de uma técnica relacionada ao efêmero enquanto teriam um impacto ecológico menor mas uma potência de celebrar o sagrado mais alinhada com o que desejo. E se não fosse para seguir a estrutura geradora, talvez uma pequena pedra colocada junto às raízes de uma árvore com uma oração seria arte o suficiente a mim.

Celebrar a vida, os ciclos das estações, o ciclo do nascimento e da morte, é um desejo comum a muitas pessoas e hoje é necessário reavaliar cada aspecto deste fazer. Palestrando sobre o assunto Starhawk diz que nós estamos em um momento de duas enormes crises: uma é a crise ecológica da mudança climática, a queima de muitos sistemas climáticos da Terra e sistemas de suporte a vida, a outra é esta tremenda crise de justiça social de forte desigualdade e a crescente brutalidade e violência que é usada para mantê-la. Ela diz que estas são a mesma crise, que é o mesmo sistema que destrói o meio ambiente o que mantém as diferenças sociais. Em vez de separar os movimentos de preservação cultural, ecológica e social é necessário entender as razões comuns para a degradação destes sistemas.

Nesta palestra ela segue para dizer que regeneração é algo que só pode ser iniciado a partir de distúrbio e destruição. Fertilidade depende de deterioração, não se têm solo fértil sem a morte e decomposição. A relação das cidades, da urbanização e civilização das comunidades, com a morte da matéria viva transformou o solo que recebia esta matéria em asfalto, cimento e pedra. Os corpos das pessoas são injetados com químicos que impedem a decomposição natural iniciada pelas bactérias presentes nos próprios corpos, os caixões são selados e postos em covas de cimento embaixo da terra onde estes químicos irão penetrar e poluir o solo. Ou os corpos são queimados, destruindo nutrientes do corpo para a vida e liberando gases poluentes aos ares. E as pessoas em luto pela perda, após passar por este processo de transformar seus entes queridos em poluentes ao planeta, são requisitadas a rapidamente deixarem ou isolarem seus lutos para continuarem a ser produtivas ao mercado de trabalho. Os corpos, se enterrados, eventualmente são desenterrados para abrir espaço para os próximos mortos ocuparem seus espaços de descanso, seus restos mortais descartados para novos mortos poderem poluir.

Este processo de lidar com os mortos reflete o processo de lidar com os vivos, com a vida. Reflete o tratamento a mulheres, homens e além, a negros, a indígenas e todas as etnias, a plantas e animais. Se é a partir do distúrbio que a regeneração acontece, é neste lugar

machucado que se dará o trabalho e esforço de compostar, plantar, cuidar, manter os recursos no sistema em harmonia para poderem eventualmente serem reutilizados. As comunidades enquanto vivas sempre encontrarão meios de manifestarem sua arte através de suas capacidades e a arte sempre será uma ferramenta valiosa e essencial para o planejamento e continuação de sistemas que respeitam a natureza sagrada, os sistemas que colaboram com o prosperar da vida. Trazer a tona este potencial envolve lidar com as dores, as alegrias, as memórias, o que necessita ser cuidado e regenerado dentro e fora das pessoas.

Minha mãe Rosina faleceu em Brasília quando eu tinha 5 anos e meu pai quando eu tinha 19, ambos estão enterrados no cemitério em Boa Vista, Roraima. As histórias que sei de minha mãe me foram contadas principalmente por suas irmãs e irmãos, suas sobrinhas e sobrinhos, e por meu pai. Me falaram que ela era muito cuidadosa, jeitosa, que o que escolhia fazer ela fazia com atenção. Amava e era amada. Ela foi a segunda filha entre nove crianças, caboclas, elas cuidavam umas das outras. Gostava de fazer arranjos florais e deixou para minha irmã livros ensinando sobre esta arte. Após se casar buscou por um tempo engravidar, tentando diversos tratamentos para solucionar a dificuldade que tinha, até que foram viajar para a Bahia e acampando em uma barraca conseguiram gerar minha irmã. Um ano e meio depois eu também fui gerado. Eu lembro de quando juntos brincávamos, comíamos, banhávamos. Eu era muito agitado, muito danado, e quando questionavam ela falava que a infância passava rápido e que ela queria mais era nos ver felizes. Era católica, nos levava a igreja. Fez a passagem ao além enquanto dormia. Eu e minha irmã tentamos acorda-la, sem sucesso, eu até fiz um desenho para ajudar a despertar. Neste dia suas companheiras de oração foram rezar para auxiliar a passagem e relataram que viram anjos de luz a acompanhando a próxima aventura. As vezes visita suas irmãs em sonhos.

8 – Conclusão

Pude através deste trabalho focar minha atenção no ciclo das estações, nas deusas ancestrais, na arte mágica e pictórica, no planeta terra e em minha mãe. Através das técnicas mágicas da bruxaria e da comunhão com medicinas tradicionais indígenas desenvolvi este trabalho. Estes saberes, ancestrais e contemporâneos, me ajudaram em muito a focar a mensagem que queria passar. As artes plásticas me serviram para a materialização deste intuito, múltiplas e conectadas, como eu queria em meus primeiros desenhos realizá-las. As pinturas seguem como objetos matéricos que firmam estes intentos no mundo, para minha memória e expressão à comunidade.

Assim como me ajudaram, as ferramentas aqui descritas podem ajudar outras pessoas. São campos receptivos, abertos à quem quiser aprender com o devido respeito exigido. Acredito que a conexão destes vários fazeres fortalece e valoriza a todos. As guardiãs e guardiões destes saberes estão atuando através do planeta, focalizando trabalhos de resiliência e cura. Sei que o jeito que falo sobre não agrada a todas que me ensinaram, peço perdão pelas minhas falhas e ousadias em meio à tanto que me foi compartilhado de bom coração. Agradeço por tudo que me foi confiado, sigo buscando crescer e me desenvolver em meus caminhos.

Vivemos em uma época onde é muito importante termos visões positivas para o futuro, onde utilizaremos nossos conhecimentos e tecnologias para regenerar os impactos climáticos que os últimos séculos causaram no planeta. Onde poderemos respeitar e celebrar nossas diversidades coletivamente, curando as dores sociais e individuais. É necessário cada vez mais ancorarmos no planeta intentos e ações de cuidado das pessoas, das relações, da terra. Em frente às inúmeras adversidades é fundamental focar nas soluções.

A arte têm o poder de transformar a consciência das pessoas, de compartilhar visões de uma forma íntima. Muitos artistas são engajados politicamente através de suas artes, utilizando além do poder discursivo mental o poder sensível imaginário, trazendo a tona a criança interior das pessoas para sentir suas mensagens através de sons, imagens, cheiros e paladares, através de caminhadas cegas pelo jardim ou passeios ao topo da montanha. Tenho fé de que com conexão e respeito à natureza nós podemos criar sociedades mais prazerosas, bonitas, e deste trabalho criativo também ser divertido e alegre, com amplo espaço para o luto e o nascimento.

Referências Bibliográficas

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a Deusa.** 7.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Era. 2007.

STARHAWK. **A Quintessência Sagrada.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova era. 1995.

KRAUSS, Rosalind E. **A escultura no campo ampliado.** 1.ed. Gávea, Rio de Janeiro. revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio. 1984 (87-93).

WASSERMAN, J. HARRIS, LF, **Instructions for ALEISTER CROWLEY'S THOTH TAROT DECK.** U.S. GAMES SYSTEMS, INC. 2012.

Starhawk, "**Nature, Spirit, and Action: Envisioning Environmental Change**"

Sept. 25, 2017, Livak Ballroom, UVM

Link Original: <https://www.youtube.com/watch?v=uqHERdutigSc>

Hanzi, M. "**Conversa com Marsha Hanzi no Recife**"

Fundação Joaquim Nabuco. 2015. Recife-PE

Link Original: <https://www.youtube.com/watch?v=e1KwzNbPMPU>

Permaculture women's guild:

<https://www.permaculturewomen.com/fpc1whatispermaculture.html>

Ayahuasca O espírito da Floresta – Portal de Informações sobre a sagrada medicina amazônica

<https://ayahuascaportal.com.br/home>

Dragon Dreaming – Project Design

<https://dragondreaming.org/>